

Experiência da Parentalidade Adotiva na Perspectiva de um Casal com Filhos Biológicos

Livia Kusumi Otuka¹

Ministério Público do Estado de São Paulo, Brazil

Fabio Scorsolini-Comin

Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Brazil

Manoel Antônio dos Santos

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Brazil

Resumo

Este estudo de caso teve como objetivo compreender a experiência da parentalidade adotiva na perspectiva de um casal com filhos biológicos. Participou da investigação um casal que já tinha duas filhas biológicas quando decidiu adotar uma criança de dois meses. O instrumento utilizado para a coleta de dados foi a entrevista em profundidade. Os resultados permitiram destacar que o ato da adoção assumiu intensa significação emocional para o casal, destacando-se a aprendizagem do “ser mãe” por meio da afiliação social como uma experiência diferente da vivência anterior de maternidade pela via biológica.

Palavras-chave: adoção; pais adotivos; parentalidade; relações familiares.

Experience of Adoptive Parenthood according to a Couple with Biological Children Abstract

This case study was aimed at understanding the experience of adoptive parenthood according to a couple with biological children. A couple that already had two biological daughters when they decided to adopt a two-month-old child participated in the research. The instrument used for data collection was the in-depth interview. Based on the results, it could be highlighted that the act of adoption was loaded with intense emotional significance for the couple, especially learning how to “be a mother” through social affiliation, as a different experience when compared to the previous experience of biological motherhood.

Keywords: adoption; foster parents; parenthood; family relations.

A literatura consagrada à temática da adoção comumente não diferencia famílias constituídas apenas pela parentalidade adotiva de arranjos familiares “mistos”, isto é, configurados por vínculos de parentesco consanguíneo e adotivo. Embora menos frequentes no universo da adoção, esses arranjos não são tão incomuns e requerem a atenção dos investigadores do campo da psicologia e psicanálise (Otuka, Scorsolini-Comin, & Santos, 2010, 2012).

A literatura evidencia que a adoção é um acontecimento que, comumente, mobiliza intensa carga afetiva no casal parental (Santos, Raspantini, Silva, & Escrivão, 2003). Fantasias conscientes e inconscientes permeiam a constituição dos vínculos parentais ao lon-

go de todo o processo de transição para a parentalidade adotiva (Levinzon, 2004; Winnicott, 1955/1997). Nesse contexto, podemos indagar: até que ponto os cuidados parentais, impregnados por essas fantasias, podem ser favorecidos ou prejudicados, dependendo da constelação fantasmática predominante no universo psíquico familiar? E em contextos específicos de adoção, por exemplo, quando os pais são biologicamente capazes de gerar filhos e já vivenciaram a transição para a parentalidade pelos laços de consanguinidade, como essa situação se configuraria?

Partindo dessa questão de pesquisa, este estudo de caso teve como objetivo compreender a experiência da parentalidade adotiva, no contexto particular em que a adoção não foi motivada pela impossibilidade biológica de gerar filhos. Esta investigação é um recorte de uma pesquisa mais ampla (Otuka, 2009), que tinha por propósito investigar a constituição da parentalidade adotiva em um contexto de formas mistas de afiliação,

¹ Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP), Brasil. Núcleo de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde (NEPPS-USP-CNPq), Brazil. Email: li_otuka@yahoo.com

isto é, quando estão presentes, na mesma família, modos de afiliação por laços biológicos e socioafetivos.

Método

Trata-se de uma investigação de cunho qualitativo, na qual se adotou o estudo de caso como estratégia metodológica (Peres & Santos, 2005). A opção pelo estudo de caso se ajusta ao marco teórico adotado para a interpretação dos dados, a saber: a psicanálise, particularmente no referencial do pensamento winnicottiano. Nessa concepção teórica, é valorizada a singularidade das experiências emocionais; o foco é colocado na compreensão da intersubjetividade, entendendo-se que o ser humano se constitui a partir de suas relações com o outro e o ambiente. Na presente investigação as experiências de pais adotivos foram analisadas considerando a constituição particular de fantasias que remontam à constituição de cada sujeito, focalizando o olhar sobre o modo como são estabelecidas as relações familiares a partir do exercício dos cuidados parentais.

Participantes

Participou do estudo um casal que havia efetivado a adoção de uma criança após a experiência de ter tido filhas biológicas. A seleção se deu por conveniência, a partir do seguinte critério de inclusão: ter pelo menos um filho biológico, nascido antes do processo de adoção, e consentir em colaborar com o estudo. Maísa (54 anos) e Lauro (56 anos), nomes fictícios, estavam casados havia 29 anos. Tiveram duas filhas biológicas: Tatiane, de 26 anos e Francine, de 24 anos. Posteriormente, adotaram Daniel aos dois meses de idade, o qual, no momento da entrevista, encontrava-se com 15 anos. Maísa completou o Ensino Superior e era funcionária pública aposentada; Lauro, por sua vez, também tinha nível de escolaridade superior e ainda estava em atividade. A família era de classe média alta e vivia uma vida confortável do ponto de vista das condições materiais de existência. Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição de origem dos autores (Processo nº 318/2007).

Instrumentos

Para a coleta de dados foram utilizados: (a) *Questionário de caracterização sociodemográfica*, que continha questões relativas à idade de cada membro da família, nível de escolaridade, profissão/ocupação, estado marital, religiosidade e renda familiar; (b) *Roteiro de entrevista semiestruturada*. Esse roteiro era composto por questões abertas que interrogavam a respeito da experiência pessoal do casal adotante em relação ao processo de adoção, particularmente os motivos que levaram à busca desse recurso, suas

expectativas anteriores ao nascimento dos filhos biológicos e à chegada da criança adotiva, suas vivências no exercício da parentalidade e suas concepções acerca da criança adotada.

Procedimento

O casal foi contatado por indicação de um serviço especializado em adoção. Obtido o consentimento do casal, a entrevista foi realizada com a presença de ambos os cônjuges em uma sala do próprio serviço, no decorrer de um único encontro, com duração total de 90 minutos. Na coleta e análise dos dados foi privilegiado o vértice do discurso parental como fonte primária de informações. A entrevista foi audiogravada e, posteriormente, transcrita na íntegra e literalmente. Foi empregada a análise de conteúdo temática e a interpretação dos dados apoiou-se no referencial psicanalítico. Na tentativa de compreender a vivência do casal, após a realização de várias releituras do material transcrito, foram identificadas unidades de significado e elaboradas categorias de análise. Para a melhor apreensão da história familiar do casal entrevistado, optou-se por apresentar uma análise vertical do material, resgatando as falas dos participantes acerca dos temas emergentes.

Resultados e Discussão

Maísa e Lauro conheceram-se no cursinho pré-vestibular e namoraram durante sete anos. Quando ingressaram no ensino superior, tiveram que morar em cidades diferentes, encontrando-se apenas nos finais de semana. Em relação ao casamento, Lauro trouxe como expectativa o desejo de ter filhos. A literatura destaca que a concepção de união conjugal em nossa cultura encontra-se muito vinculada à maternidade/paternidade (Sarti, 1996). Entretanto, o casal relata não ter tido filhos nos primeiros três anos, por opção. A postergação da parentalidade, segundo o casal, estaria relacionada à adaptação ao contexto conjugal e ao trabalho de ambos os cônjuges, que consumia boa parte de seu tempo, corroborando apontamentos da literatura (Monteiro et al., 2010; Oliveira et al., 2011; Veludo & Viana, 2012).

Maísa relata que engravidou e acabou perdendo o filho, devido a um problema no aparelho reprodutor. Após esse aborto espontâneo, afirma ter começado a desejar a maternidade e que logo engravidou novamente, concebendo sua primeira filha. Os pais revelam que, no início do casamento, consideravam-se infantis, pois preferiam viajar para visitar os pais; a ideia de ter filhos, nesse sentido, associava-se a um sentimento de aprisionamento a um compromisso permanente com os cuidados parentais. Diante disso, pode-se refletir que, inicialmente, Lauro e Maísa não se encontravam

maduros e preparados para abdicar de seus próprios papéis como filhos para poderem exercer a parentalidade. A busca de proteção e cuidados de seus próprios genitores, dessa forma, ilustra uma preferência por ser cuidado em detrimento do cuidar do outro.

Ao considerar a questão do ser pai e mãe pela via biológica, Máisa explicita sua satisfação com os aspectos biológicos da parentalidade, evidenciada a partir da alegria com a gravidez de Tatiana, filha biológica mais velha.

Foi uma gravidez, assim, bastante curtida, né... [...] Até brincava de ele [marido] dar banho na nenê, então ele ia lá, lavava minha barriga, e tal... Depois a gente... eu queria parto normal, natural, não queria cesárea. (Máisa)

Deve-se ressaltar, ainda, a preferência por parto normal destacada na fala de Máisa. Quando questionada a respeito de possíveis motivos para tal desejo, Máisa afirmou que acreditava que o parto normal constitui uma forma mais natural de nascimento, na qual a criança não é “tirada”, mas vem ao mundo quando se encontra realmente preparada. Assim, é possível notar que o casal vivenciou as questões biológicas relacionadas à filiação como significativas: a gravidez e a preferência por parto normal foram levantadas como aspectos relevantes da história familiar, evidenciando, dessa forma, a importância com a qual a filiação biológica era investida pelos participantes.

O casal fez referência a algumas complicações ocorridas no parto de Francine, a segunda filha biológica. Em contraste ao ocorrido no nascimento de Tatiana, o segundo parto não transcorreu conforme o planejado e o casal não se sentiu bem assistido pela equipe profissional. Mais uma vez os relatos evidenciam a importância que Máisa e Lauro atribuíam aos aspectos biológicos. Pode-se pensar na gravidez e no parto como momentos de preparação do ambiente que receberia a criança, o qual se mostra de extrema importância para o seu desenvolvimento emocional posterior, como postulado por Winnicott (1952/1993). Nesse sentido, o casal parece ter vivenciado tais experiências intensamente, mostrando-se envolvidos com o processo e preocupados com a chegada de suas filhas. Tal preparação pode ter favorecido seu relacionamento com as filhas, descrito positivamente pelos participantes.

Em relação às alterações vivenciadas com a chegada das filhas biológicas, Lauro e Máisa ressaltaram que maior atenção foi dedicada aos filhos do que à relação conjugal na vivência da transição da conjugalidade à parentalidade.

Eu guardo até hoje, do curso de noivas que nós fizemos, que eles falaram... o casal, quando casa, ele é assim [faz gesto, unindo as mãos], estão

*super-juntos... Quando vêm os filhos, eles têm que ter essa relação muito forte pra que isso não rompa... Porque os filhos entram, ficam no meio, então essa relação do casal tem que estar muito forte, sabe... [...] É, assim, os filhos **atrapalham na relação do casal, dividem a atenção...** Não é mais apenas os dois. (Máisa)*

Segundo Cerveny e Berthoud (2002), a transformação da parceria diádica em um conjunto triangularizado, a partir do nascimento do primeiro filho, caracteriza-se como um processo psicológico com intensas implicações para toda a vida futura da família em constituição. O nascimento das filhas aparece como algo positivo nas falas do casal, embora possa ser considerado, ao mesmo tempo, como uma possível dificuldade para o relacionamento conjugal. Lauro e Máisa afirmaram que conversam bastante sobre os filhos, mas parece haver pouco diálogo a respeito de sua relação como casal. Dessa forma, pode-se pensar que a mudança de foco para os filhos possa ter desestabilizado a configuração inicial do casal, o que é confirmado pelo desejo de postergar a maternidade/paternidade durante os primeiros anos do casamento. Os participantes, nesse sentido, pareciam prever que a presença de mais um elemento no sistema familiar poderia constituir-se como uma dificuldade para a manutenção de sua estabilidade, optando, conseqüentemente, por esperar que o vínculo como marido e mulher contasse com mais tempo para sua consolidação.

A respeito da construção da motivação para adotar, vale destacar a maternidade biológica dificultada pela idade de Máisa à época (39 anos), condição que impulsionou o casal a optar pela adoção. Lauro revela, ainda, a reação dos filhos biológicos perante a decisão dos pais de adotar. Segundo ele, Francine, que na época tinha oito anos, não aceitava a ideia de ter mais um irmão, afirmando que o mesmo mexeria em seus pertences. Apresentou, assim, uma resistência inicial, que foi demovida cerca de um ano depois, quando ela tinha nove anos.

Em seu local de trabalho, Máisa teve contato com uma assistente social, a qual lhe informou sobre uma criança de dois meses e meio, nascida prematura, que se encontrava no hospital e que estava disponível para adoção. Nesse momento, quando questionada sobre a possibilidade de adoção, Francine concordou, contanto que a criança fosse do sexo masculino. Ademais, havia a preferência por um recém-nascido, conforme relatado por Lauro. Quando questionado a respeito dos possíveis motivos para tal cultivarem essa preferência, ele respondeu:

Porque você cria... Apesar de que vem com uma carga hereditária, mas você cria do jeito, do seu

jeito... Então a única coisa que eu falava era: não sou contra adotar uma criança mais velha, mas elas vêm já... com mais defeitos, vamos dizer, mais problemas... Eu tenho na família uma prima que foi pegando, chegou às vezes... Não deu certo. (Lauro)

Pesquisas indicam que a maior parte da população apresenta uma visão preconceituosa a respeito da adoção tardia (Ebrahim, 2001; Sólon, 2009). Além disso, segundo Costa e Rossetti-Ferreira (2007), estudos apontam uma preferência brasileira pela adoção de crianças recém-nascidas, da mesma cor de pele que a família adotante e, preferencialmente, do sexo feminino. Isso pode estar associado à representação social das mulheres, que no imaginário coletivo aparecem como seres mais dóceis e de fácil adaptação a novos ambientes. O temor em relação à adoção tardia estaria ligado ao estigma de que a criança mais velha traria um repertório de maus hábitos, além de defeitos de caráter provenientes de sua família de origem ou dos abrigos em que foi institucionalizada, como explicado por Lauro. Para Winnicott (1955/1997), qualquer atraso na adoção é prejudicial, dada a importância atribuída pelo autor aos estágios precoces de desenvolvimento. Assim, os pais substitutos deveriam encontrar facilidades para poder assumir os cuidados da criança o mais precocemente possível (Winnicott, 1953/1997).

É possível notar, na fala do participante, uma concepção negativa sobre a adoção tardia, provavelmente fortalecida pela experiência malsucedida de uma familiar. Além disso, vale enfatizar as fantasias relacionadas ao “sangue-ruim” presentes em seu imaginário, que podem ser destacadas a partir do uso que faz do termo “carga hereditária”, evocado nesse contexto com uma conotação pejorativa. Parece haver uma crença de que a criança, por não ter “vindo” naturalmente ao mundo a partir de seus pais adotivos, poderia apresentar comportamentos negativos próprios de seus pais biológicos (Levinzon, 2004). Essa concepção é própria da visão naturalizada das relações parentais. Ratifica-se, assim, como “naturais” diversas fantasias e temores que permeiam o universo da adoção, os quais precisam ser trabalhados para não se tornarem entraves ao relacionamento estabelecido entre pais e filho adotivo.

A respeito da parentalidade adotiva, Máisa refere-se a algumas complicações de saúde do filho adotivo, enfrentadas logo no início da vida.

Porque com 15 dias ele teve uma hérnia encarcerada, sabe, assim, quando ele tava chegando nos três quilos. Com três meses, né, ele teve uma hérnia encarcerada... Aí teve que ir para o hospital fazer cirurgia de emergência. Nossa, parecia que ele já era meu, assim, que eu tinha gestado, que eu tinha, sabe. (Máisa)

Pelos relatos, Máisa parece ter sido capaz de constituir-se como uma mãe suficientemente boa no momento de intensa fragilidade do filho. Impulsionada pelo temor de perdê-lo, esmerou-se em suprir-lhe as necessidades ativamente, mostrando-se presente e fornecendo-lhe holding. A gestação de Daniel, nesse sentido, parece ter se dado a nível psíquico, sendo capaz de proporcionar a preparação de um ambiente estável, o qual abarcava toda a família, incluindo Lauro, Tatiana e Francine. A doença inesperada, “encarcerada” na frágil constituição física do bebê, foi significada como possibilidade de morte (logo, separação mãe-criança). Nesse sofrido processo de gestação e parto psíquicos, o amor materno tem sua primeira grande prova e sai-se bem desse teste. Segundo Winnicott (1955/1997), a adoção pode ser bem negociada, contanto que o bebê seja bem cuidado, ou seja, “bem sustentado”. O enfoque parece recair, dessa forma, no ambiente, em detrimento da biologia: caso o ambiente constitua-se como suficientemente bom, as questões biológicas tornar-se-iam secundárias na construção do vínculo e no desenvolvimento posterior do bebê. Na família em questão, a gestação emocional do filho adotivo constituiu-se como passo inicial para a construção de um vínculo afetivo estável e consolidado entre a família adotante e o adotado. O risco de vida da criança parece ter contribuído para solidificar ainda mais a relação de cuidado.

O casal ressalta, ademais, algumas dificuldades escolares e comportamentais do filho adotivo, apresentadas no decorrer de seu processo de desenvolvimento. De acordo com Winnicott (1953/1997), é essencial que os pais adotivos ajudem a criança em suas dificuldades, mais do que os pais comuns. É necessário, nesse sentido, que eles se constituam como pais e “psicoterapeutas” em tempo integral, tarefa bastante árdua (Winnicott, 1955/1997). É importante ressaltar a dedicação de Lauro e Máisa nos cuidados ao filho adotivo. Os participantes parecem ter se composto como pais-terapeutas, como um ambiente suficientemente bom, capaz de *olhar* para o filho adotivo, compreendendo suas necessidades e suprindo-as, na medida do possível.

A participante fez referência à educação de Daniel. Máisa explica que procurava proporcionar a todos os filhos uma educação rígida; entretanto, com a chegada do terceiro filho, teve que se adaptar: o ambiente moldou-se de acordo com as necessidades da criança. A despeito das dificuldades, ela se mostra otimista em relação ao futuro do filho; acredita que, com a educação, o carinho e o diálogo proporcionados ao garoto, este não se envolverá em problemas “com moral”, constituindo-se como uma pessoa íntegra, de bom caráter.

Máisa faz referência à aprendizagem do “ser mãe” com a chegada do filho adotivo. Para ela, as filhas biológicas “praticamente se criaram sozinhas”. Assim,

ela não teve que enfrentar maiores desafios. Devido às complicações de saúde e às dificuldades de comportamento de Daniel, revelou ter criado com o filho um vínculo afetivo muito forte, aprendendo, com ele, a ser verdadeiramente mãe, a defender sua criança, a *olhá-la* tentando compreendê-la e ajudá-la.

Ah, eu acho que foi toda essa experiência mesmo, que nem eu falei, eu acho que eu fui mãe realmente com ele, sabe. Porque foi com ele que eu tive que vencer algumas dificuldades que eu tive, que eu tive de aprender a sair de algumas situações, sabe, de brigar por ele. (Maísa)

Para Winnicott (1955/1997), faz-se necessário que os pais da criança negligenciada exagerem a afeição e todos os cuidados que demonstram pelas crianças comuns, possibilitando, dessa forma, que ela se sinta sustentada e acolhida. Maísa faz uma associação entre o enfrentamento de dificuldades e o sentir-se mãe. É possível pensar que os obstáculos que vivenciaram juntos tenham proporcionado a construção de um vínculo muito sólido entre os pais e o filho adotivo, o que acabou por ensinar Maísa o real sentido do “ser mãe”. Nesse cenário, as dificuldades são significadas não como um fator negativo ou fonte de sofrimento, mas como um facilitador na construção do vínculo parental. O casal em questão, nesse contexto, parece ter exagerado os cuidados e o carinho destinados a Daniel, fornecendo-lhe *holding*, de modo que o filho pudesse se sentir seguro, amado e pertencente à sua família adotiva.

Lauro e Maísa destacam ainda que mais de uma vez enfrentaram o preconceito de pessoas conhecidas em relação ao filho adotivo.

Não tem que ficar, porque já escutei uma vez, já acabei entrando: “Ah, tá vendo, matou fulano, matou o pai porque é adotivo.” Ai eu virei para o cara e falei assim: “Eu já vi muitos filhos não adotivos matar o pai também, e eu acho que muito mais... Mas agora você tá me dando um exemplo de um adotivo que matou o pai, você quer que eu te dê quantos exemplos de filhos biológicos que mataram os pais?” Quer dizer, porque é adotivo, matou? Ai você tá discriminando a criança ou uma pessoa porque é adotada. (Lauro)

O casal afirma não atribuir as dificuldades de Daniel à sua história de adoção. Essa concepção do casal parece condizente com as ideias de Diniz (1993), que enfatiza que não há uma patologia específica da adoção. Os problemas têm de ser pensados e tratados como questões familiares normais: filhos adotivos não teriam problemas se os pais adotivos não os tivessem e maus pais adotivos também seriam maus pais biológicos. É a partir do desempenho dos pais na relação com os filhos

que se organiza a experiência infantil e se aperfeiçoa a qualidade do vínculo estabelecido, o que inclui as fantasias que dão significado às atitudes profundas dos pais. Além disso, segundo Winnicott (1953/1997), se a adoção transcorre bem, trata-se de uma história humana comum e é necessário familiarizar-se com os contratempos e as perturbações, em infinitas variações, que fazem parte da história humana comum, para que possam ser compreendidos os problemas essencialmente relacionados à adoção.

A respeito do passado do filho adotivo, o relato dos participantes evidenciou que, nos primórdios da adoção, havia um contato regular do casal com a família biológica de Daniel. Maísa relata que acompanhou uma assistente social, sua colega de trabalho, em uma visita à família de seu filho adotivo, que vivia em condições precárias. Após a morte da mãe biológica de Daniel, Lauro e Maísa passaram a visitar o pai e os irmãos biológicos do filho adotivo, levando-lhes cestas básicas, presentes e auxiliando-os até mesmo a reformar sua casa, que estava em estado crítico. O casal relata ter se apegado a toda a família, descrevendo-a com muito afeto. Após algum tempo, o pai biológico do filho também veio a falecer. Entretanto, o casal nunca chegou a revelar à família que havia adotado Daniel.

Eles moravam numa casinha, num terreno, numa casinha bem... De pau a pique, vamos dizer assim, de madeira, baixinha e... Teve uma época que eu recebi uma indenização... Ai separei uma parte, como o pai era pedreiro, então falei: “Vamos fazer o seguinte...” Foi feito um quarto, um banheiro e uma cozinha. [...] “O senhor faz?” “Faço...” “Eu dou o material pro senhor...” Eu quis dar uma ajuda de custo, como ele não trabalhava fora, dava tipo um salário para ele trabalhar e construir. E ele levantou a casinha, muito bem levantada. (Lauro)

Maísa emociona-se no momento em que discorre a respeito do amor de Daniel e da segurança que o filho lhe transmite em relação à adoção. Revela, assim, não ter medo de perdê-lo.

Eu acho assim, que se ele quisesse conhecer [a família biológica], eu sou totalmente segura com a adoção, do amor que o Daniel tem comigo [emociona-se e chora]... Do amor que eu tenho por ele e que ele tem por mim... Então, eu sou totalmente segura porque eu sei que nunca vou perdê-lo pra ninguém, sabe, assim, então a gente ficava tranquilo com relação a isso, eu não tive esse medo não. (Maísa)

Segundo o casal, a revelação a Daniel sobre a verdade de sua origem foi gradual. O conhecimento acerca de

sua adoção foi-se dando durante todo o processo de desenvolvimento, desde que o filho era muito pequeno. Daniel parece ter compreendido aos poucos, até o dia em que disse à mãe que queria ter saído de sua barriga, demonstrando que, finalmente, entendera o que lhe era dito. De acordo com Winnicott (1955/1997), muitos problemas poderiam ser evitados se a criança adotiva fosse informada sobre a adoção em uma idade bem inicial, como foi proporcionado pelos pais nesse caso. Lauro explica que Daniel sabe que eles, seus pais adotivos, mantêm contato com seus irmãos biológicos, o que lhe foi revelado há algum tempo. Entretanto, o casal afirma estar esperando que o próprio filho manifeste o desejo de conhecê-los, relatando que, caso isso ocorra, apoiarão sua decisão e viabilizarão esse encontro.

A dificuldade dos pais em contar à criança sobre sua adoção constitui-se como um tema recorrente nos estudos da área. Não revelar à criança a história de sua origem pode gerar um estado de confusão psíquica, uma vez que, inconscientemente, esta *sabe* que não é filha biológica do casal adotante (Gomes & Iyama, 2001). Nota-se, assim, que a literatura científica ressalta a importância da revelação sobre a adoção para o posterior desenvolvimento da criança adotiva. Para os participantes, esse aspecto parece estar bem elaborado, uma vez que o casal afirma ter contado ao filho, desde a mais tenra idade e de forma gradual, sobre a adoção. Contudo, em relação à sua família de origem, pode-se refletir a respeito de algumas questões que sinalizam dificuldades: por que o casal não revelou aos irmãos de Daniel, com quem mantiveram uma ligação prolongada, que haviam adotado o menino? Haveria um temor de que os irmãos não aceitassem a real condição do casal como pais adotivos de Daniel, rejeitando-os? Ou um medo não manifesto de que Daniel pudesse preferir sua família biológica, caso tivesse contato com a mesma? Ressalta-se o momento da entrevista em que Maísa relatou não ter medo de perder o amor do filho, perdendo momentaneamente o controle sobre suas emoções. Pode-se pensar que essa questão ainda se mostra delicada para o casal, sendo foco de intensa carga emocional.

O casal relaciona as dificuldades de Daniel com o período em que ele permaneceu sozinho no hospital. Estariam ligadas, assim, à privação de cuidados ou a cuidados iniciais inadequados.

E outra, eu acho que foi uma falha muito grande da assistente social, porque já sabia que ia destituir os pais do pátrio poder, e deixar essa criança até dois meses e meio sem... Uma criança é, um pai que fosse, sabe, ficar... [...] Sabe, então, a diferença que faz, eu acho que isso tem que alertar vocês, alertar os assistentes sociais, porque eu acho que isso é a maior falha que eles fizeram, sabe, porque

eu acho que muitas dificuldades que o Daniel tem hoje em dia é com relação a isso, não com relação à adoção, mas com relação a todo esse tempo que ele ficou sem uma referência, sem um carinho no hospital. (Maísa)

No início, o ambiente facilitador é constituído pela mãe suficientemente boa, que responde às necessidades de sua criança de forma ativa e, gradualmente, permite-se frustrá-la. A partir do crescimento emocional, o ambiente facilitador amplia-se, passando a incluir o pai, a família, o grupo social e a comunidade mais ampla (Frota, 2006). Winnicott (1956/1993) ressalta, ainda, que a provisão de um ambiente suficientemente bom na fase mais inicial do desenvolvimento infantil possibilita que o bebê comece a existir, a ter experiências próprias, construindo um ego pessoal, aprendendo a dominar a violência das pulsões e a enfrentar as dificuldades inerentes à vida. Na fala de Maísa percebe-se que o casal acredita que o filho adotivo não contou com um ambiente facilitador no início, posto que o mesmo permaneceu sozinho e desamparado no hospital. Como descrito por Winnicott (1953/1997), é comum o bebê ter recebido cuidados inadequados antes do processo de adoção, o que se constitui, para os pais, como um problema psicologicamente complexo. Nesse sentido, as dificuldades de desenvolvimento posteriores de Daniel poderiam estar associadas à ausência de um ambiente suficientemente bom em seus primeiros meses de vida. Maísa e Lauro parecem ter se esmerado em fornecer essa condição favorecedora ao filho adotivo, a partir do momento em que selaram o encontro com o bebê.

Ele tem que ir contra o que eu falo... Agora, por exemplo, agora que tá melhorando um pouquinho, mas antes eu não podia nem olhar pra outra criança... Se eu olhasse, ele já virava "pra onde você tá, pra quem você tá olhando? Pra quem você tá olhando?" Sabe, ele detestava, ele tem muito ciúmes de mim, muito... Então, se eu elogio alguém, ele reclama. (Maísa)

Nesse excerto de fala fica clara a possível influência do abandono inicial vivenciado por Daniel em seu desenvolvimento afetivo posterior. Segundo Levinzon (2004), a descontinuidade precoce experimentada pela criança abandonada pode estar relacionada, em fase posterior, a uma maior sensibilidade frente a situações de separação, bem como a um medo latente do abandono. Os fantasmas do abandono, dessa maneira, podem continuar pairando em torno das crianças adotivas, as quais, por diversas vezes, demonstram sentimentos de rejeição e temor diante da possibilidade de perder pessoas importantes e queridas. A sensação de não ter sido amada pelos pais biológicos pode ser experimen-

tada como uma ferida narcísica, acarretando danos à autoimagem e à autoestima. É possível, portanto, que confusões a respeito de sua própria identidade venham a permear o imaginário do adotado, segundo Levinzon. Daniel parece temer a rejeição de seus pais, necessitando colocar-se em evidência, em um premente desejo de ser visto, de receber o *olhar* dos pais adotivos, para que possa assim se reassegurar de que existe, ou passar a existir de fato (Winnicott, 1967/1975). A ideia de que a mãe pudesse interessar-se por outras crianças parece amedrontá-lo, o que o leva a exigir, de forma obsessiva e até mesmo agressiva, que a mesma volte sua atenção exclusivamente para si. A vivência do abandono, dessa forma, parece continuar latente em seu imaginário, assombrando-o, como se, a qualquer momento, pudesse perder o *holding* e os cuidados dispensados por Maísa e Lauro.

Daniel parece expressar, por vezes, revolta e agressividade em relação a seu contexto familiar adotivo. Tal sentimento, entretanto, pode ser entendido, segundo Winnicott (1965/1997), como parte de sua recuperação, como um sinal de esperança, por meio do qual o filho adotivo pode existir, buscando encontrar um lugar no mundo. Daniel parece, portanto, testar a tolerância de sua família e a consistência de seu ambiente, para certificar-se da segurança de seu vínculo de pertencimento ao núcleo familiar.

Sobre o relacionamento entre pais e filhos, Maísa e Lauro fazem referência a semelhanças e diferenças existentes entre os filhos biológicos e o adotivo, dando ênfase às singularidades no relacionamento com os mesmos.

Não, e como foi diferente! Água e vinho! (Lauro)

Então, eu acho assim, amor a gente não tem nem como medir, mas eu acho assim, pelo fato da gente estar mais ligado mesmo, sempre atento a ele, e por enquanto ele ainda depender da gente... elas já estão saindo de casa, sabe, já estão independentes, já não acompanham mais a gente... ele ainda acompanha, eu acho que nós estamos mais ligados a ele. (Maísa)

A atitude dos pais para com seus filhos depende, em certa medida, do relacionamento estabelecido no período da concepção da criança. O significado que o filho adquire para eles, assim, depende de suas fantasias conscientes e inconscientes a respeito do ato que produziu a concepção (Winnicott, 1965/1997). Tal motivo pode explicar porque dois irmãos são cuidados e criados de formas tão distintas, apresentando, por vezes, comportamentos opostos. Pode-se notar, por exemplo, que a concepção dos três filhos de Maísa e Lauro deu-se de formas distintas: Tatiana e Francine foram concebidas pelo casal, ao passo que, apesar de

Maísa sentir-se como se tivesse gestado Daniel em sua barriga, sua concepção deu-se, biologicamente, por outras pessoas. É essencial destacar, entretanto, que a diferença entre adoção e consanguinidade não é sentida pelos participantes como um fator negativo. Pelo contrário, parece haver, nesse enquadre, uma valorização do vínculo parental construído com Daniel; o relacionamento entre pais e filho adotivo é descrito como mais próximo e sólido, quando comparado com o vínculo com as filhas biológicas. No entanto, Lauro afirma procurar não fazer distinções na forma de tratar e educar os filhos:

Mas a gente foi explicar pra ele que não é sair da barriga ou não sair da barriga. Falei: "Você é filho do mesmo jeito que as outras duas são". É o que eu falo, é filho, não distingo: "Ah, porque você é adotivo vou te fazer isso, ou porque você não é adotivo vou fazer aquilo", não. Tentei criar do mesmo jeito que criei as outras duas. Tenho três filhos. (Lauro)

Dessa maneira, o casal parece se esforçar para não fazer qualquer discriminação no modo de educar os filhos biológicos e o adotivo, parecendo combater, dessa forma, qualquer possível preconceito relacionado à adoção. Segundo Gomes (2006), a partir do provimento de um ambiente suficientemente bom, uma relação profunda pode ser construída pela via da adoção, na qual a criança adotiva se sinta seguramente sustentada e acolhida, como alguém que pertence de fato à família que a recebeu. A consanguinidade, nesse sentido, não garantiria a qualidade e a estabilidade do vínculo, o qual dependeria, especialmente, da forma como o laço afetivo foi construído e consolidado. A partir do relato do casal participante deste estudo, é possível notar que Daniel parece ter estabelecido com os pais adotivos uma relação profunda, dentro da qual estes lhe proveram os cuidados físicos e emocionais necessários para o seu desenvolvimento, proporcionando que o mesmo se sentisse pertencente à família adotiva.

Além disso, vale destacar que Maísa descreve um intenso sentimento de amor pelo filho adotivo. Explica que, pelas dificuldades enfrentadas com o mesmo – extrema vulnerabilidade física nos primeiros meses de vida, fragilidade emocional ao longo do desenvolvimento, problemas de comportamento e dificuldades escolares persistentes – acabou se vinculando muito mais a Daniel do que às próprias filhas biológicas. Essa constatação parece surpreender a própria participante, dando à experiência com o filho adotivo um matiz emocional singular e intenso, que ela afirma não ter experimentado na maternidade biológica.

Ah, outra coisa também que eu não falei... Eu acho que o meu amor e o dele por mim, é uma

coisa, assim, forte, além do normal... Então chega a ser uma coisa doída... E eu entendo, que ele, muitas vezes ele me responde desse jeito, ou tem essas atitudes comigo, porque ele não sabe como trabalhar isso, sabe, assim? Então, porque eu, com muito mais idade que ele, eu tive dificuldade com isso, porque falei: “Caramba, quê que é isso? É um amor que dói.” (Maísa)

As maiores dificuldades vivenciadas com o filho adotivo, em comparação com as filhas biológicas, apesar de gerarem ansiedade e algum grau de sofrimento, são vistas como um fator de união na relação parental, atenuando os momentos de desencontro suscitados pelo confronto de suas diferenças pessoais. A hipervalorização do modelo biológico e dos laços consanguíneos por grande parte das pessoas, como salientam Schettini, Amazonas e Dias (2006), parece não encontrar respaldo na trajetória desse casal. Apesar da importância inicial atribuída aos aspectos biológicos (gravidez, parto, puerpério), o amor “além do normal” pelo filho adotivo leva a refletir a respeito do modo como se dá a constituição dos vínculos de afiliação e sua importância para o desenvolvimento da criança e da própria vida familiar.

O casal explica o fornecimento de maior proteção a Daniel devido às diferenças de idade entre os filhos. Dessa forma, por ser o caçula, o filho adotivo seria protegido, e não devido à sua condição de adotivo. Tal distinção é extremamente importante porque revela um esforço desses pais no sentido de evitarem explicar a condição especial de fragilidade do filho pelo fato circunstancial de ser adotivo, preferindo advogar como motivo determinante a ordem de nascimento e a posição ocupada na fratria – ou seja, apelam para uma condição natural de seu desenvolvimento, considerando o estágio do ciclo vital em que se encontra, independentemente do laço de consanguinidade ou de afiliação afetiva.

No que diz respeito ao relacionamento entre irmãos, os participantes fazem referência aos cuidados que os filhos biológicos dispensam ao filho adotivo. Segundo o casal, Tatiana, a filha mais velha, sempre se mostrou mais adulta do que o esperado para sua idade. Dessa forma, parece ter mantido uma atitude maternal para com Francine, o que acabou estendendo-se ao irmão adotivo. Lauro conclui, sorrindo, que o filho *tinha três mães em casa!*

Segundo Fernandes, Alarcão e Raposo (2007), os irmãos mais velhos são vistos como aqueles que recebem a responsabilidade de serem os detentores das normas e valores familiares, seguindo, assim, os padrões de conduta, os princípios éticos e as obrigações morais. Tatiana, nesse contexto, parece ter assumido o papel de segunda mãe dos irmãos mais imaturos, provendo-

lhes cuidados e preocupando-se com a transmissão das normas e valores familiares.

É possível notar, nesse sentido, que a adoção mobilizou toda a família e não somente os pais adotivos. As filhas biológicas do casal parecem ter, como os pais, “adotado” Daniel, suprindo-o com cuidados, afeto, segurança e proteção, constituindo-se como parte integrante de um ambiente suficientemente bom, essencial para o bom desenvolvimento da criança (Winnicott, 1965/1997). De um modo geral, o relacionamento entre os irmãos parece ser marcado pela proximidade afetiva. Assim, apesar de alguns atritos, Lauro e Maísa os descreveram como próximos, mantendo um contato afetivo. Por fim, em relação aos seus desejos e planos para o porvir, Maísa e Lauro enfocam o êxito profissional dos filhos.

Um futuro bom, eu acho que elas estão bem, assim, encaminhadas, as duas já formadas, já seguindo seus caminhos, né. E espero que o Daniel faça... pelo o que ele comenta, ele tem vontade de seguir os passos das irmãs, então acho que vai acabar seguindo [algum curso universitário]. Está faltando só um pouco de amadurecimento. (Maísa)

Ao serem inquiridos sobre as perspectivas futuras, nota-se a mudança de foco do casal para os filhos. Quando questionados sobre o futuro, os pais pensam a respeito dos filhos, como se estes encarnassem a forma que encontraram de continuar a existir no mundo. Tal crença parece estar congruente com o postulado por Bertin e Passos (2003), visto que, ao conceber um filho, o casal estrutura um grupo familiar responsável pela redação dos enredos que serão protagonizados pelas gerações que os sucederem. Assim, é na família que a criança se constitui como única, embora carregue consigo compromissos advindos de uma geração anterior. Lauro e Maísa parecem sentir que os filhos seriam sua continuidade natural, sua promessa de futuro. Nesse sentido, os três filhos levariam adiante os desejos, planos, valores, fantasias, crenças e experiências de seus pais, legados psíquicos transmitidos pelas gerações que os precederam.

Considerações finais

A experiência da adoção, para o casal que já havia experimentado anteriormente o exercício da parentalidade biológica, mostrou-se envolvida em intensa carga emocional, permeada por afetos ambivalentes. Pode-se concluir que a origem biológica do filho adotivo e a forma como o processo de adoção se configurou no lar substituto podem impactar o desenvolvimento posterior da criança e seu relacionamento intrafamiliar. No sentido de favorecer adoções mais saudáveis e menos

dolorosas para a criança e a família que a acolherá, devem ser oferecidas condições para que os pais possam refletir a respeito de seus temores e fantasias, de modo a se fortalecerem, podendo ter segurança no exercício de seu papel como cuidadores legítimos.

Pensando na experiência da parentalidade adotiva, o projeto de adoção não apenas deve ser desenvolvido, elaborado e amadurecido pelo casal adotante, mas também pelo seu entorno familiar, por meio de um diálogo transicional – o que, no caso, inclui os filhos biológicos, uma vez que a adoção levará à constituição de uma nova configuração familiar, a partir da inserção de um novo membro. Trata-se de um longo processo em que todos os familiares se transformam na construção de um ambiente saudável, seguro e favorável ao desenvolvimento da criança em seu novo lar. A família que consegue levar a cabo a adoção não como um processo normalizante, mas criativo e transformador, pode promover a instauração de um projeto que realmente contribua para o desenvolvimento de todos os seus membros. Dessa maneira, a família pode deixar de ser receptáculo de angústias arcaicas ou de fantasias destrutivas, para abrigar, em suas inúmeras possibilidades de arranjo, a perspectiva do encontro humano, do acolhimento generoso, do aprendizado compartilhado e da construção de novos laços afetivos.

Referências

- Bertin, I. P., & Passos, M. C. (2003). A transmissão psíquica em debate: Breve roteiro das concepções psicanalítica e sistêmica. *Interações*, 8(15), 65-79.
- Cervený, C. M. O., & Berthoud, C. M. E. (2002). *Visitando a família ao longo do ciclo vital*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Costa, N. R. A., & Rossetti-Ferreira, M. C. (2007). Tornar-se pai e mãe em um processo de adoção tardia. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(3), 425-434.
- Diniz, J. S. (1993). *Este meu filho que eu não tive*. Porto: Afrontamento.
- Ebrahim, S. G. (2001). Adoção tardia: Altruísmo, maturidade e estabilidade emocional. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14(1), 73-80.
- Fernandes, O. M., Alarcão, M., & Raposo, J. V. (2007). Posição na fratria e personalidade. *Estudos de Psicologia*, 24(3), 297-304.
- Frota, A. M. (2006). A reinstalação do si-mesmo: Uma compreensão fenomenológica da adolescência à luz da teoria do amadurecimento de Winnicott. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 58(2), 51-66.
- Gomes, I. C., & Iyama, R. (2001). Atendimento breve de orientação psicanalítica a pais de crianças adotivas. *Boletim de Psicologia*, 51(114), 109-121.
- Gomes, K. P. S. (2006). A adoção à luz da teoria winnicottiana. *Winnicott e-prints*, 1, 1-33.
- Levinzon, G. K. (2004). *Adoção*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Monteiro, L., Fernandes, M., Veríssimo, M., Pessoa e Costa, I., Torres, N., & Vaughn, B. E. (2010). Perspectiva do pai acerca do seu envolvimento em famílias nucleares: Associações com o que é desejado pela mãe e com as características da criança. *Interamerican Journal of Psychology*, 44(1), 120-130.
- Oliveira, S. C., Faria, E. R., Sarriera, J. C., Piccinini, C. A., & Trentini, C. M. (2011). Maternidade e trabalho: Uma revisão da literatura. *Interamerican Journal of Psychology*, 45(2), 271-280.
- Otuka, L. K. (2009). *Adoção por famílias com filhos biológicos: A perspectiva dos casais adotantes*. Monografia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP.
- Otuka, L. K., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2010). O entrelaçamento dos desejos no projeto de adoção por famílias com filhos biológicos: Uma compreensão winnicottiana. *Revista da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul*, 9(1), 155-167.
- Otuka, L. K., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2012). Adoção suficientemente boa: Experiência de um casal com filhos biológicos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(1), 73-82.
- Peres, R. S., & Santos, M. A. (2005). Considerações gerais e orientações práticas acerca do emprego de estudos de caso na pesquisa científica em Psicologia. *Interações*, 10(20), 109-126.
- Santos, M. A., Raspantini, R. L., Silva, L. A. M., & Escrivão, M. V. (2003). Dos laços de sangue aos laços de ternura: O processo de construção da parentalidade nos pais adotivos. *Psic*, 4(1), 14-21.
- Sarti, C. A. (1996). *A família como espelho*. Campinas, SP: Autores Associados.
- Schettini, S. S. M., Amazonas, M. C. L. A., & Dias, C. M. S. B. (2006). Famílias adotivas: Identidade e diferença. *Psicologia em Estudo*, 11(2), 285-293.
- Sólon, L. A. G. (2009). *Conversando com crianças sobre adoção*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Veludo, C. M. B., Viana, T. C. (2012). Parentalidade e desenvolvimento psíquico da criança. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 22(51), 111-118.
- Winnicott, D. W. (1975). O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil. In *O brincar e a realidade* (J. O. A. Abreu & V. Nobre, Trans., pp. 153-162). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1967)
- Winnicott, D. W. (1993). Psicose e cuidados maternos. In *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise* (J. Russo, Trad., pp. 491-498). Rio de Janeiro: Francisco Alves. (Original publicado em 1952)
- Winnicott, D. W. (1993). Preocupação materna primária. In *Textos selecionados: Da pediatria à psicanálise* (J. Russo, Trad., pp. 491-498). Rio de Janeiro: Francisco Alves. (Original publicado em 1956)
- Winnicott, D. W. (1997). A adolescência das crianças adotadas. In *Pensando sobre crianças*. (M. Veronese, Trad., pp. 131-140). São Paulo: Artmed. (Original publicado em 1955)
- Winnicott, D. W. (1997). *A família e o desenvolvimento individual* (M. B. Cipolla, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1965)
- Winnicott, D. W. (1997). Duas crianças adotadas. In *Pensando sobre crianças* (M. Veronese, Trad., pp. 115-125). São Paulo: Artmed. (Original publicado em 1953)

Received 04/10/2012

Accepted 01/11/2013

Livia Kuzumi Otuka. Ministério Público do Estado de São Paulo, Brazil

Fabio Scorsolini-Comin. Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Brazil

Manoel Antônio dos Santos. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Brazil